



**POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES PARA TRATAMENTO PSICOLÓGICO E GANHO
SECUNDÁRIO EM SUJEITOS PERVERSOS**

Caroline dos Reis Homem

Caxias do Sul, 2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES PARA TRATAMENTO PSICOLÓGICO E GANHO
SECUNDÁRIO EM SUJEITOS PERVERSOS**

Trabalho apresentado como requisito
parcial para a aprovação na Conclusão de Curso
II em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra.
Tania Maria Cemin.

Caroline dos Reis Homem

Caxias do Sul, 2021

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	8
Objetivo Geral.....	8
Objetivos Específicos.....	8
REVISÃO DA LITERATURA	9
A perversão	9
O ganho secundário.....	19
MÉTODO	22
Delineamento	22
Fontes	23
Instrumento	24
Procedimentos.....	24
Referencial de Análise	25
RESULTADOS	27
DISCUSSÃO	29
Categoria 1: Aspectos fundamentais do sujeito perverso	29
Categoria 2: Possíveis motivações para tratamento psicológico.....	32
Categoria 3: Ganho secundário	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFÊRENCIAS.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. *Categorias de Análise e Cenas do Artefato Cultural*.....27

RESUMO

Entende-se que há uma raridade no perverso em buscar por um amparo profissional, compreendida a partir do seu funcionamento psíquico caracterizado pela recusa da falta, pela instituição da lei do próprio desejo, pela busca incessante pelo gozo e por outros fatores a serem explorados na presente pesquisa. Logo, aqueles que adentram o consultório psicológico despertam a reflexão sobre o que o motivou ao tratamento e, conseqüentemente, a importância de proporcionar espaço de acolhimento e compreensão a este sujeito para que ele permaneça em análise. Nesse sentido, também cabe a proposta de entendimento da participação do ganho secundário nas suas manifestações perversas. Para tanto, fez-se um percurso teórico dos aspectos fundamentais que compõem o problema de pesquisa, através das obras de Sigmund Freud e artigos de autores base da psicanálise. Objetivando viabilizar o que foi proposto, utilizou-se como metodologia uma pesquisa qualitativa com delineamento exploratório e interpretativo. Para possibilitar uma discussão da temática, foram analisadas cenas de alguns episódios da primeira temporada da série “Dexter X”, da Showtime (2006), visando ilustrar as questões norteadoras e aprofundar possíveis reflexões. A partir da série selecionada, foram desenvolvidas três categorias: 1) Aspectos fundamentais do sujeito perverso; 2) Motivações para tratamento psicológico; 3) Ganho secundário. Como resultado dos dados obtidos, foi possível reunir e delimitar as características fundamentais que compõem a perversão, para então compreender a existência de uma limitação nas motivações do sujeito perverso para buscar tratamento psicológico. Este aspecto sucede em detrimento do seu exercício constante de recusar a castração e não reconhecer a própria falta, bem como da sua resistência em colocar o psicólogo na posição de sujeito-suposto-saber. Além disso, o estudo atentou para a necessidade de maior investigação na relação entre o sujeito perverso e o ganho secundário, uma vez que se entende que ele busca pela extração de lucro das situações que podem fornecer a sua satisfação e o alcance de seu gozo.

Palavras chave: perversão; tratamento psicológico; ganho secundário

INTRODUÇÃO

O sujeito, quando diante da análise em um tratamento psicológico, está exposto às possíveis frustrações que emergem ao trabalhar seus conteúdos conscientes e inconscientes. No caso do sujeito perverso, há recusa em suportar essas frustrações requeridas pelo psicólogo, justamente pela presença da recusa da castração proveniente do Complexo de Édipo, que explica sua transgressão de leis e dificuldades com limites (Barreto & Adeodato, 2012). Essas frustrações estão ligadas ao que o perverso recusa, como forma de conseguir fazer tudo o que deseja, sem que haja a culpa. E esse é um dos pontos importantes para possível compreensão da inassiduidade do perverso na busca por atendimento psicológico.

Um dos pontos norteadores da presente pesquisa define-se pela ciência de que há perversos que de fato procuram por um psicólogo. Um estudo feito por Silva (2010) com quatro psicanalistas, na Universidade do Sul de Santa Catarina, sobre o atendimento clínico psicanalítico em sujeitos perversos, apontou que quando o sujeito procura por tratamento geralmente é motivado não por um sofrimento psíquico, mas sim por uma instância ligada ao seu desejo. Portanto, para ele, o gozo é como um dever, almejando-o através de todos os meios, não se detendo por nenhum limite ou lei. Demonstra seguramente que a única lei que reconhece é a próprio desejo (Santos & Besse, 2013), não se colocando em falta. Como consequência, dificulta o estabelecimento de transferência, uma vez que não atribui ao profissional o lugar de sujeito-suposto-saber. Aspecto este que requer uma condução cautelosa da sessão, como forma de favorecer um ambiente que o perverso consiga permanecer em análise.

Ainda sobre essa questão complexa, Santos e Ceccarelli (2009) complementam que o agir perverso integra o sentimento de identidade do sujeito, porém seus comportamentos são barrados pela censura moral da sociedade. Logo mobiliza esforços para manter-se no controle das situações, como forma de garantir sua sobrevivência psíquica, uma vez que luta para barrar as angústias e para manter a ideia de eu ideal. Por fim, entende-se que se o perverso procura atendimento psicológico independente qual seja o motivo manifesto, então há um endereçamento e logo há uma transferência potencial (Pommier, 1998).

Ademais, a presente pesquisa pretende abordar este construto teórico-clínico complexo sob o viés psicanalítico, haja vista as relevantes elaborações teóricas realizadas ao longo da história acerca da perversão. O desejo de escrever sobre a perversão e suas especificidades surgiu ao longo do percurso acadêmico, principalmente depois de cursadas as disciplinas de Psicologia e Psicoterapia Psicanalítica e Psicodiagnóstico I. Entretanto, o

fator que impulsionou a escolha emergiu na experiência oportunizada pelo Psicodiagnóstico II, no qual permitiu a aplicação da teoria, e dos conceitos previamente aprendidos, em um estudo de caso. O caso em questão referia-se a um sujeito perverso, cujas reais intenções na busca pelo tratamento escondiam-se em falas que revelavam autocomplacência e desejo pela retomada do controle de determinadas situações.

Surgiu, então, o primeiro questionamento, que compõe uma parte deste problema de pesquisa, sobre quais são as motivações que levam o sujeito perverso para um tratamento psicológico. Entende-se que há uma raridade no perverso em buscar por um amparo profissional, justamente por ele já ter por certo o que quer, estando convencido de saber a verdade a respeito do gozo – e é aí que se firma a base da sua arrogância (Coutinho et al., 2004). Logo, quando entra em contato com a psicologia na busca por suporte, traz consigo suas diversas formas de manifestações perversas, que desafiam o trabalho e a escuta do psicólogo.

À vista disso, emerge outra parte deste problema de pesquisa, em que se indaga sobre a existência e participação do ganho secundário nas motivações que direcionam o perverso a buscar por atendimento psicológico. Se este sujeito sempre está em busca do seu desejo e do gozo, triunfando sobre seus atos perversos, seria possível, então, ele apresentar um sintoma ao profissional como uma vantagem e/ou gratificação a ser alcançada? Se, portanto, o faz, entende-se que se trata de um ganho secundário (Camargo, 2007).

Ademais, no âmbito social, a temática atenta para a importância de refletir sobre o que leva um sujeito perverso ao tratamento, sobretudo explorar formas que proporcionem um espaço de acolhimento e compreensão a este sujeito de maneira que ele permaneça em análise. Por meio do entendimento dos pressupostos básicos que sustentam a perversão, deve-se tomar nota de tal forma que a compreensão e a escuta clínica estejam sempre em observação e reflexão no momento do atendimento ao sujeito perverso (Ceccarelli, 2004). Portanto, propõe-se investigar a seguinte problemática: quais são as possíveis motivações para tratamento psicológico e o ganho secundário em sujeitos perversos?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis motivações para tratamento psicológico e ganho secundário em sujeitos perversos.

Objetivos Específicos

- Caracterizar aspectos fundamentais do sujeito perverso.
- Apresentar sobre possíveis motivações para tratamento psicológico, à luz da psicanálise.
- Definir acerca de ganhos secundários.

REVISÃO DA LITERATURA

A perversão

Etimologicamente, a palavra perversão carrega uma extensa bagagem de discussões a seu respeito ao longo dos séculos, portando sua trajetória conceitual no campo da sexualidade, ao se pensar em aberrações sexuais, e no campo da moral e ética, em relação a atos transgressores de leis que compõe um crime (Coutinho et al., 2004). Dentro da sexualidade, entende-se como normal o que é concebido pela descarga de tensão sexual e extinção da pulsão sexual mediante ato de consumação sexual entre um casal de sexos opostos. Portanto, a perversão é concebida como as aberrações que originam e emergem desta prática sexual anteriormente descrita (Freud, 1905/1996).

Nesse sentido, cabe aqui inicialmente realizar a distinção entre perversão e perversidade. A perversão, enquanto estrutura, não implica necessariamente em atos de perversidade, assim como a perversidade não é sempre uma manifestação da perversão (Alberti, 2005). A perversidade está ligada a uma intenção de prejudicar, que leva a um ato imoral em constância com o sujeito, de forma que pode ser cometido também por quem é da ordem da neurose ou psicose (Doron, 2018). Já a perversão, enquanto estrutura na psicanálise, é o funcionamento mental de um indivíduo na qual pode vir a cometer atos maldosos de perversidade.

Estabelecida a diferença entre os termos, cabe iniciar a construção da apresentação dos aspectos fundamentais da perversão sob o viés psicanalítico. Para tal, é fundamental iniciar compreendendo sobre a sexualidade e o que ela representa e pulsa no sujeito. Ainda em Foucault, em seu livro *A História da Sexualidade* (1985), é esclarecido que até o início do século XVII ainda fluía certa liberdade que permitia a franqueza ao falar da sexualidade e de práticas sexuais em discursos, falas, conversas. O autor continua que, entretanto, a partir deste ponto, inicia-se uma época de repressão ocasionada pelo crescimento da burguesia, que instituiu o modelo de família conjugal, em que o sexo se volta restritamente para a função reprodutora e para dentro de casa. Nos séculos seguintes, esta repressão da sexualidade tomou formatos diferentes, mas não perdeu sua força. No fim do século XIX, Krafft-Ebing (1886) avançou no estudo ao dividir e caracterizar as práticas sexuais que mostravam desvios do que era considerado normal para a sociedade, dentre elas: anestesia, hiperestesia, paradoxia e parestesia (Corrêa, 2006). Avanço este analisado por Freud ao realizar seu estudo em “Os três ensaios sobre a sexualidade”, de 1905, ao qual fora construído ao longo de 20 anos por meio de intensas buscas, descobertas e revisões.

Como forma de agregar às discussões da época, Freud (1905/1996) propõe a reflexão acerca das perversões sexuais sob ponto de vista diferente do que estava sendo proposto até então. Como um dos questionamentos iniciais, o autor levanta indagação sobre o que é considerado pela sociedade como vida sexual normal. Concluiu, então, que a sexualidade era percebida como algo ausente na infância, com seu surgimento apenas no período da puberdade, para através de uma atração inegável pelo outro, consumir a união sexual ou o processo que levava a ela (Freud, 1905/1996).

A partir disso, o autor atenta às diferentes raças, épocas e culturas que constituem o mundo e que, portanto, agem e pensam de formas diferentes. Para além disso, Freud (1905/1996) apresenta um dos pontos fortes de sua argumentação, em que aponta que: “na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal” (p32). O que Freud concluiu compreendia que havia inúmeros desvios ou transgressões sexuais – as menos graves dentre elas - em pessoas mentalmente saudáveis, ou seja, a frequência de casos era mais alta do que pregado e repudiado pela sociedade. Diante disso, emerge um novo sentido dado à perversão pela psicanálise freudiana, em que é proposta a reflexão desta visão reprobatória sobre ela.

Para aprofundar sua compreensão, Freud (1905/1996) apresenta o conceito de pulsão sexual, no qual representa as necessidades sexuais do sujeito e é regida pela libido. No processo de satisfação de suas necessidades, o sujeito possui um objeto sexual representado pela pessoa em que se atrai e um alvo sexual designado pelo ato impulsionado pela pulsão. Isto, portanto, resulta na união do homem e da mulher pela concretização da busca pelo amor. Entretanto, o que se identificou nas vivências cotidianas diversos desvios que Freud (1905/1996) categorizou em relação ao objeto sexual e ao alvo sexual.

No desvio relativo à troca de objeto sexual, os casos constatados foram de homens que têm como objeto sexual outro homem, assim como mulheres em que outra mulher representa seu objeto sexual (Freud, 1905/1996). Para tal, o autor denominou a homossexualidade citada de “inversão”, em que os sujeitos que se comportam como tal podem enquadrar-se na divisão em invertidos absolutos, invertidos anígenos e invertidos ocasionais (p.84). Ainda mais a fundo, o autor também discorreu sobre a concepção que compõe a inversão e a bissexualidade. A partir disto, a psicanálise freudiana enxergou a possibilidade da pulsão sexual não ser dependente e submetido ao seu objeto, uma vez que percebeu, nestes casos, que a conexão entre ambos não é tão forte quanto se pensava, justamente pela pulsão carregar junto de si o objeto. Correspondendo como outro desvio, Freud analisou casos em que o objeto sexual é representado por animais ou por crianças, caracterizadas pela zoofilia e pedofilia, respectivamente. O que emerge é uma substituição

do objeto em detrimento de uma pulsão sexual urgente, em que sua natureza amplia sua variação e apropria-se do que tem à disposição ou o que considera como essencial (Freud, 1905/1996). O autor concluiu também que tal desvio parece independe da condição mental do sujeito, explicando que: “as moções da vida sexual, mesmo normalmente, encontram-se entre as menos dominadas pelas atividades anímicas superiores” (p.92).

A respeito dos desvios de alvo sexual, Freud (1905/1996) desenvolveu sobre a existência de relações que requerem atenção, em que há uma supervalorização do objeto sexual. A primeira a ser mencionada corresponde às transgressões anatômicas, marcadas pelo uso variado de outras partes do corpo, principalmente a boca e o orifício anal, e pelo fetichismo como uma troca inapropriada do objeto sexual. Neste último mencionado, o mesmo autor explica que pode ser também uma parte do corpo, entretanto são partes pouco adequadas para a prática sexual como os pés e os cabelos, ou então, objetos como peças íntimas. Certo nível de condição estabelecida pelo sujeito para que possibilite o alvo sexual é saudável, pois tal ato vem da ordem do amor próprio. Entretanto, a patologia inicia quando há uma indispensabilidade do fetiche para que o alvo sexual seja de fato atingido, sobretudo quando o anseio se firma de tal forma que pode colocar-se no lugar deste alvo ou desprender-se da pessoa e tornar-se o único objeto sexual (Freud, 1905/1996). E por fim, existem as chamadas fixações de alvos sexuais provisórios, que correspondem às condições que resultam em um significativo intervalo que antecede a consumação do ato sexual. Dentre elas, enquadram-se o *voyerismo*, o exibicionismo, o masoquismo, o sadismo, sendo cada qual com sua particularidade, variação, intensidade e incidência.

Da mais leve a mais grave, todas estão presentes em algum momento na vida do sujeito. E fortalecido nisto, Freud (1905/1996) reforçou o quão equivocado era o pensamento da opinião popular sobre as perversões:

Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos (Freud, 1905/1996, p.99).

Tal apontamento é referido por Freud (1905/1996) na justificativa de que pessoas consideradas normais fizeram a substituição do alvo sexual por alguma perversão durante um tempo apenas no campo sexual. Logo, requer cuidado a quem se intitula de sujeito perverso, uma vez que há uma série de fatores necessários para o diagnóstico, como por

exemplo, a duração da persistência dos sintomas. A possibilidade de tratar-se de um sujeito com estrutura perversa só pode ser concebida quando há a substituição do normal do alvo e do objeto sexual em inúmeros momentos, ainda que a situação promova e favoreça a normalidade (Freud, 1905/1996). Neste sentido, o mesmo autor também aponta o papel de resistências como vergonha, asco, dor, moralidade e entre outras no momento do desenvolvimento ou não de uma condição perversa. Entende-se que se a pulsão sexual do sujeito supera tais resistências a fim de atingir o alvo sexual de maneiras diferentes que não a normal e não se censura, então se deve investigar a fundo a extensão e influência de suas atitudes e desejos. Neste ponto é importante reforçar novamente o que foi dito anteriormente neste texto de que há uma essencialidade em analisar a conjuntura a fim de afirmar se tais comportamentos são da ordem de uma estrutura perversa ou se são traços perversos.

A partir disso, Freud (1905/1996) poderia revelar que a origem da perversão está ligada ao desenvolvimento de germes presentes no estágio da infância em todo e qualquer sujeito. Entende, portanto, que há uma disposição perversa de caráter originário e universal na pulsão sexual humana. Expõe que a perversão apontaria como uma inibição e ao mesmo tempo uma dissociação do que seria o desenvolvimento normal. E isto se daria através da pulsão sexual, emergindo da união de diversas manifestações na infância como um único alvo.

Para explicar tal afirmação, parte-se do princípio de que a sexualidade e a vida sexual do sujeito iniciam-se no seu nascimento, em que a atividade psíquica volta-se para a satisfação das necessidades e busca por repetições de experiências. Portanto, a fim de compreender o sujeito e sua sexualidade, Freud (1905/1996) inicia explicando que há a presença de uma sexualidade infantil – afirmação esta que causou polêmica na época – no desenvolvimento do ser humano, em que a criança traz consigo germes das atividades sexuais que procuram por gozar de experiências satisfatórias, dentre elas a estimulação das zonas erógenas espalhadas pelo corpo. O autor explica que esta sexualidade não é a noção de sexualidade adulta na vida sexual normal, mas que ainda assim apresenta manifestações sexuais que podem ser analisadas e compreendidas. Freud (1905/1996) cita o ato da criança de “chuchar” como o gozo de sua satisfação sexual enquanto se alimenta ou então o sugar do dedo, como forma de repetir a mesma experiência prazerosa (p.110).

Em resumo, a sexualidade infantil parte de três princípios norteadores: é originária de uma das funções somáticas vitais, é auto-erótica e polimorfa-perversa. O autor inicia o primeiro princípio apontando a relação mantida pelas pulsões sexuais de forma original com as funções vitais no sujeito, em que há um alvo e um objeto. Portanto, utilizando um exemplo de amamentação de uma criança, a relação entre o seio e o leite sucede na satisfação de fome.

Nesse sentido, o autor apresenta o segundo princípio de autoerotismo que ocorre em casos que a pulsão sexual perde o objeto e precisa se mobilizar em busca de um novo instrumento de prazer. Ainda no exemplo anterior, o objeto perdido seria a ausência da amamentação, fazendo com que ela busca outro objeto, como por exemplo o dedo, uma vez que se trata de uma zona erógena. Desta forma, entende-se que isto caracteriza-se como uma manifestação sexual auto-erótica, movida pela estimulação da zona erógena na busca por satisfação.

E por fim, o que Freud (1905/1996) deseja fazer compreender por ser uma sexualidade polimorfa-perversa, é que a criança, ao ser seduzida por alguma situação, pode vir a cometer transgressões, ou seja, apresenta disposição para tais atos, sem que haja muita resistência. Freud explica melhor citando exemplos práticos como os jogos sexuais infantis de “brincar de médico”; a masturbação infantil; as relações estabelecidas com animais (pp.117-118). Por outro lado, concluiu também que o que possibilita a resistência contra tal disposição é o desenvolvimento dos “diques anímicos”, como medida contra os excessos sexuais que acontecerão ao longo do desenvolvimento da criança (p.118). Desta forma, uma vez que a criança se distancia de manter comportamentos classificados como normais, ela apresenta tendência a atos característicos da perversão. Portanto, a partir disso, Freud refere a criança como polimorfa-perversa, como característica esperada do desenvolvimento humano.

Em relação aos diques anímicos, entende-se que eles interferem no caminho da pulsão sexual ao longo do desenvolvimento do sujeito, mais especificamente a partir do período de latência. Funcionam como uma resistência, sendo caracterizados pelo asco, pela vergonha, pelas exigências dos ideais estéticos e morais (Freud, 1905/1996). Eles surgem através da educação, mas Freud explica que na realidade este desenvolvimento ocorre por meio da hereditariedade. Nesta lógica, ele pode identificar a existência de inclinações perversas nos sujeitos de estrutura neurótica, entretanto elas são barradas pelo mecanismo de recalçamento, o qual é suportado pelos diques anímicos, que por sua vez bloqueiam tais inclinações e tornam-nas inconscientes ao longo de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, Freud avançou em seus estudos de forma que encontrou que a linha tênue – se assim pode-se dizer – que separa a relação entre a neurose e a perversão. Ele explica que a tendência a manifestações perversas no sujeito neurótico pode ser encontrada nas forças inconscientes e atua como formadora de sintomas, portanto Freud (1905/1996) define que “a neurose é o negativo da perversão” (p.102). A partir desta conclusão, ele revela que esta disposição originária é barrada pelas forças limitadoras da pulsão sexual (vergonha, asco, moral) e, portanto, não se desenvolvem em comportamentos que

culminariam em uma estrutura perversa. A neurose, através do sintoma, recalca as pulsões libidinais, enquanto na perversão, realiza-se o que deseja sem vivenciar muitas resistências.

Aprofundando os estudos sobre a perversão, a psicanálise freudiana atentou para a solução dada pelo sujeito ao Complexo de Édipo e como ela será importante para a compreensão da constituição da estrutura do seu funcionamento psíquico. Freud (1919/1996), em seu texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”, percebe que a origem das perversões não se pauta apenas na teoria da sexualidade infantil, mas também na relação da criança com seu amor objetal incestuoso, ou seja, com o complexo de Édipo. Chega-se a uma nova conclusão de que tal fenômeno não é apenas o núcleo das neuroses, mas também das perversões. Portanto, o que sucede é existência de fixações perversas oriundas de cicatrizes do complexo de Édipo.

Entende-se por Complexo de Édipo, o processo de oscilação de sentimentos da criança de ternura e hostilidade em relação aos seus pais. Na constituição psíquica infantil, o período pré-edipiano é marcado pela relação imaginária mãe-criança-falo, em que a criança acredita que nada falta em sua mãe, que está completa. A mãe é objeto de amor e o pai um modelo a ser seguido e buscado, no caso de um menino, portanto na figura materna há um desejo e na figura paterna uma identificação (Freud, 1910/1996). Entretanto, o autor continua explicando que o que acontece é um conflito edipiano, quando o pai adquire um papel de rival ao perceber que precisa disputar a atenção da mãe com o pai. Freud utiliza o mito do rei Édipo como forma de compreender a manifestação do desejo infantil em que se mata o pai e se torna a mãe em mulher, fenômeno este repellido mais tarde pelas barreiras do incesto.

Na entrada da fase fálica da criança que é identificado o surgimento de interesse pelos genitais, em que pese seja um interesse pautado em uma sexualidade infantil distinta da adulta, ou seja, a primazia dos genitais ainda não é completa e, portanto, a valorização da genital volta-se ao pênis (Freud, 1924/1996). A criança entende que o falo está presente na mãe e no pai como algo universal, interessando-se somente por ele. A menina, ausente de um pênis, culpa a mãe por tal ausência e aproxima-se do pai, num ato de inveja do falo. Já o menino ao saber da ausência do falo da mãe e disputar com seu pai sobre ela, culpa-se por odiar e invejar o pai e teme a castração, para por fim identificar-se com ele e assegurar a transmissão de lei e autoridade (Freud, 1925/1996). A partir desse momento, o que emerge é a instituição da lei e da autoridade, através da elaboração da proibição do incesto, possibilitando, portanto, o desenvolvimento de uma das instâncias psíquicas, o superego. Isto representa no sujeito a entrada do reconhecimento do outro, acessando o plano simbólico, a linguagem, as leis colocando-se como um ser desejante (Freud, 1924/1996).

Desta forma, a ausência deste pênis, como uma afronta à universalidade definitiva do pênis, é vista como resultante da castração, de forma que a criança se depara com a necessidade de entender-se em relação a si com a castração (Freud, 1923/1996). Após o momento de descoberta da ausência do pênis na mãe, Freud nesta mesma obra explica que o sujeito perverso denega tal fato e busca explicações pautadas de que apenas está pequeno, mas que se desenvolverá até tornar-se maior ou então que já esteve ali um dia. Se por um lado a forma de evitação da angústia encontrada pela neurose e pela psicose é, respectivamente, o recalçamento e a forclusão, por outro a perversão desenvolveu o mecanismo da recusa. Representada também como renegação ou desmentido, este mecanismo atua como uma defesa que denega e tenta substituir a realidade, em outras palavras, ele nega e também toma conhecimento dela (Freud, 1924/1996)

A fuga encontrada pela perversão para contornar a realidade da castração é determinada, portanto, pelo estabelecimento do mecanismo de recusa, em que o sujeito não se vê como vulnerável ou faltante, carregando um fantasma da indestrutibilidade e onipotência (Ferraz, 2010). Ainda que procure uma forma de aliviar a angústia sofrida, o perverso não resolve a castração definitivamente como pensa, considerando que ele recusa a ausência do pênis na mãe, mas mantém a crença de que de fato tenha um. Logo, diferente da neurose com o recalque, o sujeito de estrutura perversa apaga a lembrança da experiência e não a experiência em si (Naves, 1999).

Ao passar pela experiência de um desapontamento de certa forma penoso, como refere Freud (1924/1996), o perverso utiliza da recusa para colocar-se como alguém que não aceita a existência de limites. E, portanto, falha em simbolizar as leis do pai, não as reconhecendo, na medida em que valoriza a lei do seu próprio desejo. Nesse sentido, não reconhece o outro justamente para não reconhecer sua própria falta, a qual representa uma insuportável ferida narcísica (Naves, 1999).

Adicionando uma perspectiva diferente, Castro (2004) traz que o perverso precisa do Outro como um cúmplice para a sua recusa da castração. Considerando que ele precisa de respaldo para manter a ilusão de que é completo, é no Outro que ele encontra a oportunidade de utilizar como instrumento para a sua encenação em prol da aniquilação da angústia. Rudge (2005) complementa que o perverso, compromissado com o desejo, utiliza de ações da ordem da sedução, do controle e da imposição para atrair o outro ao papel que deseja e assim atingir o efeito planejado.

Como outra resposta ao horror da castração e da angústia, o sujeito perverso, encontra um substituto ao que está de fato faltando: o fetiche (Freud, 1927/1996). Diante da revelação da diferença sexual e, de acordo com suas fantasias infantis, o perverso entende

que há uma ameaça de castração. E, portanto, ele encontra uma forma de triunfar sobre a castração através do fetiche, na qual é considerado uma proteção. Freud explicou que o fetiche é a substituição do pênis encontrada pelo sujeito para lidar com a perda deste falo que foi muito importante, de forma que esta substituição funcionará como uma preservação de ser extinto (Freud, 1927/1996). Outras palavras, o fetiche seria como um troféu protegendo o perverso de sua própria castração, uma vez que é como se estivesse mantendo ainda uma relação incestuosa com a mãe, ainda que fálica.

Tal triunfo sobre a castração “é obtido pelo preço de uma fenda no ego que nunca cicatriza” (Freud, 1938/1996, p.276). Portanto o perverso, ao sustentar sua renegação por meio do fetiche, tem seu ego clivado ou então a cisão do eu, na qual se desenvolve como um mecanismo de defesa. Ao colocar-se em uma situação simultânea de ‘sim e não’, confirmando e negando a incompletude do seu eu, o perverso coexistirá em duas contradições: de um lado a castração e do outro um pênis substituto designado pelo fetiche (Freud, 1924/1996). Como um resíduo do fetichismo, nesta clivagem, o perverso estará em um conflito entre a demanda feita pela pulsão e uma proibição, ao passo que toma ambos os caminhos simultaneamente, assumindo o risco do medo daquele sintoma como patológico enquanto tenta livrar-se do medo (Freud, 1938/1996).

E sobre isso, McDougall (1995) propôs uma compreensão da dificuldade inconsciente do perverso em conviver com a constante concretização de seu desejo, em que não tem alguma escolha que não seja segurar-se às suas soluções eróticas, uma vez que são seu sistema de sobrevivência e a sua ausência seria equivalente à castração. Em que pese apontado por Freud (1905/1996) sobre a existência de transgressões como um fator originário e universal do ser humano, para o sujeito neurótico a convivência com o desejo por práticas sexuais específicas não os impede de encontrar-se com o prazer sexual, portanto não gera conflito de certa forma. No sujeito perverso, o que está em risco constante é o medo de desaparecer e, portanto, fará de tudo para evitá-la. Santos e Ceccarelli (2009) apontam em relação a isto quando dizem: “o fantasma que sustenta o ato perverso é o de vingança que transforma o traumatismo (da criança) no triunfo do adulto” (p.322).

Contudo, conscientemente os perversos não apresentam qualquer sentimento de incômodo pela forma como funcionam nem direcionam a si mesmos olhares que julguem seus atos como doença, mas sim se encontram satisfeitos com a facilidade que seu funcionamento proporciona para a realização de seus desejos (Freud, 1927/1996). O autor continua explicando que o perverso encontra vantagem em seu funcionamento, pois há um desconhecimento por parte das pessoas a respeito do significado de fetichista, e uma vez que não sabem não podem tirá-lo ou proibi-lo do perverso. Posicionam-se diante disso como à

frente dos outros homens que “têm que cortejar e trabalhar duro para conseguir” (Freud, 1927/1996, p.154).

Nesse sentido, considerando o que foi construído até o momento a partir dos aspectos fundamentais da perversão, entende-se que há uma dificuldade em presenciar a iniciativa do sujeito perverso em buscar atendimento clínico. Sua prática perversa lhe fornece o acesso ao gozo, por meio da introjeção do objeto fetiche, no qual é favorável e fácil ao perverso (Coutinho et al., 2005). É importante reforçar que ainda que o sujeito perverso busque atendimento por obstáculos que atrapalham sua renegação às marcas edipianas, ele não é levado para a poltrona por dificuldades com sua sexualidade (Freud, 1927/1996). O autor continua explicando que o perverso não vê sua prática e seu funcionamento como sintomas de uma doença que produz algum sofrimento. O que ele vê são situações e objetos externos que atrapalham seu gozo e, portanto, isto sim pode levá-lo ao atendimento.

Entende-se que o seu mecanismo onipotente e a constante efetivação do gozo fortalecem a lógica narcísica que rege sua dinâmica psíquica, mostrando seu apego à forma como obtém prazer e como escapa das angústias que foi acometido (Ferraz, 2010). Entretanto deve-se considerar que, assim como todo sujeito, o perverso não está livre de acontecimentos que possam impedir seu livre gozar. E sua defesa que recusa a realidade o impede de considerar isto, da mesma forma que desconsidera a ausência fálica materna. Portanto no surgimento de um evento que atrapalhe sua prática, o sujeito está passivo de sofrer ruptura da montagem perversa que o desequilibra e lhe traz angústia, a ponto de levá-lo a um consultório psicológico (Coutinho et al., 2004).

Nesse mesmo sentido, considera-se que o perverso convive com um intenso trabalho ao atribuir ao Outro um papel na sua encenação da recusa da castração (Rudge, 2005). A mesma autora diz “se a recusa da castração leva a um arranjo ou encenação em que as outras pessoas são parte integrante, elas devem cumprir, nesse teatro, a parte que o perverso espera delas ou sua angústia sobrevirá” (p.40). Lacan (1962-1963) já tinha também mencionado isto ao dizer que este sujeito em questão não poupará de exercer um papel de teatralização e manifestação de expressões adequadas ao que deseja transmitir com perfeição. É avistado no perverso um comprometimento e investimento incansável na recusa de sua falta e na sua fuga do fantasma da angústia da castração (Rudge, 2005). A autora sugere que o rompimento no funcionamento do perverso surgiria ao ocorrer a falha na colaboração daqueles que submeteu aos papéis que o favorecessem. A partir disso, depara-se com a angústia que foge. Como compreensão, entende-se que tal situação levaria o perverso a atendimento psicológico.

Seguindo a mesma lógica de defesa do perverso apresentada pelos autores acima, Ferraz (2010) alega que o uso do mecanismo da recusa conduz o sujeito na direção do vazio psíquico, como um efeito colateral do excessivo gozo. Tais sentimentos provenientes deste vazio podem adentrar o campo do incômodo a ponto de mobilizar o perverso e desenvolver um sofrimento psíquico. Neste sentido, o autor continua que o sujeito vivenciará em si a abertura de brechas em sua personalidade perversa, de forma a levá-lo ao atendimento psicológico para retomar o controle de seu mecanismo, ainda que com um motivo manifesto diferente.

Eiguer (2002) completa esclarecendo que o sujeito perverso passa por períodos de confusão e desconforto, aos quais podem estar ligados a origem de uma demanda. O autor relata que atendeu um paciente no qual o manipulou por dois anos após o início da análise, confessando que inicialmente o procurou para não perder seu exercício de bolinar outras mulheres. O paciente esperava que o psicólogo fosse seu cúmplice em lhe convencer de que não deveria haver vergonha ou se sentir fragilizado por tais práticas. O que sucedeu, portanto, foi a admissão do paciente de que a terapia desmantelou sua prática perversa, de tal forma que se transformou em um “caçador caçado” (p.118).

Desta forma, entende-se através de Clavreul (1990) que o sujeito perverso sustenta uma brincadeira de corda-bamba difícil. E, portanto, neste processo de equilibrar-se, constrói situações que o aproximam do que deseja, ao passo que às vezes se depara com o fantasma da castração mais perto do que gostaria. O autor completa que daí surgem uma das possibilidades que podem levar o perverso ao tratamento psicológico. Nesse sentido Pommier (1998) traz que se este sujeito entra em análise, então é por existir um endereçamento e, sendo assim, uma transferência potencial. É por meio da palavra que o indivíduo se assujeita para transferir o que se quer comunicar, de forma que estabelece então uma transferência.

As manifestações perversas transcorrem de tal forma que as questões éticas do profissional podem ser desafiadas, considerando os fenômenos transferenciais e contratransferenciais (Santos & Ceccarelli, 2009). Neste sentido, os mesmos autores atentam para a importância do reconhecimento por parte do psicólogo sobre a forma de funcionamento da sobrevivência psíquica do perverso, de forma a existir uma linha tênue entre acolher e escutar com benevolência e condescendência o paciente. Portanto a escuta do perverso cumpre-se de forma diferente em decorrência da sua ação transferencial sobre o profissional, uma vez que deposita desprezo e desdém pela capacidade profissional de quem o está atendendo (Ceccarelli, 2004).

A forma como a transferência é construída se dá pela característica narcísica do perverso, em que é negado ao psicólogo o papel de sujeito-suposto-saber, uma vez que sua intervenção é vista como uma possibilidade de misturar-se no campo do Outro e é justamente lá que habita a angústia (Coutinho et al., 2004). Como traumas de seu processo edípiano, o perverso mostra-se portador da verdade sobre o gozo, em que pese para a eficácia do sujeito-suposto-saber seja preciso uma falta no lugar do gozo, justamente para atribuir ao psicólogo um agente de saber (Miller, 2001). Da mesma forma, os efeitos contratransferenciais demandam do psicólogo um cuidado especial, uma vez sujeito à possibilidade de ser envolvido no jogo de sedução exercido pelo paciente, enquanto por outro lado corre o risco da incapacidade de haver uma identificação mínima com ele (Santos & Ceccarelli, 2009).

O perverso procurará extrair lucro do seu atendimento como forma de manter controle, atribuindo ao psicólogo o papel de ouvinte passivo, à medida que desafia sua prática ética (Coutinho et al., 2004). Neste sentido, Helsinger (1996) também trouxe a situação em que o analista é solicitado como um cúmplice do perverso e de seus atos característicos de sua estrutura, na qual se coloca como instrumento de gozo no atendimento de forma manipulativa.

Sendo assim, Queiroz (2004) expõe dois caminhos possíveis para a clínica da perversão: um voltado para a ampliação da escuta, elaborando novas formas de análise; outro referente à estagnação do limite do método psicanalítico. Considerando o aumento de estudos científicos na temática, pode-se pensar que a primeira alternativa está mais próxima da realidade. E para tal cabe reforçar a essencialidade em não criar um espaço de julgamento como forma de impor, ainda que inconscientemente, uma sexualidade normal diante a escuta do conteúdo perverso (McDougall, 1995). A autora continua reforçando a importância de aprofundar a prática clínica da perversão, como forma de encontrar meios de estabelecer transferência com o perverso para que permaneça em atendimento e uma diferença possa ser feita.

O ganho secundário

Na tentativa de compreender o funcionamento psíquico do sujeito perverso, encontrou-se a possibilidade de existir uma relação entre as manifestações perversas e o ganho secundário, conceito trabalhado por Freud. Entende-se que tal aspecto pode estar presente em situações cotidianas da vida do sujeito ou até dentro do atendimento psicológico.

A construção desta temática inicia-se pelo entendimento do sintoma quanto a sua possibilidade de surgir como forma de aliviar o ego de uma angústia originada pelo conflito

pulsional. Freud (1926/1996) apresenta tal entendimento explicando que sintoma diz respeito à identidade do sujeito, cujo se reconhece nele. A partir disso, o ego inicia um processo de assimilação, buscando maneiras de agregar o sintoma a si. O autor continua explicando que o ego assume um comportamento de reconhecimento de que o sintoma talvez seja permanente. E assim, a saída que encontra para lidar com isto é extrair lucro deste sintoma.

O Eu maneja uma adaptação ao sintoma, da mesma forma que se adapta ao mundo externo. De certa forma, o sintoma garante ao sujeito uma segurança limitada, em que ao passo que ele sofre, também encontra um ganho com ele (Sarkis, 2007). Portanto, ao tirar vantagem do sintoma, estabelece um ganho secundário da doença, em que o sujeito usa a condição de estar doente como favorável para deixá-lo mais perto do que deseja (Freud 1926/1996).

Em relação ao uso do ganho secundário dentro do tratamento psicológico, podemos utilizar o contexto já construído na outra parte da revisão sobre os motivos que levariam o sujeito para análise, uma vez que dentre eles alguns se destacam pelo caráter de sua significação. Alguns exemplos estão relacionados a formação de um par perverso com o psicólogo, ou a garantia de um alibi para os atos perversos, ou até a apropriação do discurso do profissional para aprimorar seu desafio à lei (Coutinho et al., 2004).

Portanto, inicialmente deve-se compreender o sintoma enquanto manifestação subjetiva do sujeito no consultório. Ao primeiro contato, o sujeito expõe sua queixa inicial dos fatos que sucederam para que ele buscasse o auxílio psicológico, apresentando motivos e sintomas que caracterizam o que se chama de motivo manifesto (Arzeno, 1995). Entretanto, a autora continua que, por trás destes motivos, estão encobertas outras demandas da ordem inconsciente que revelam mobilizações e possíveis sofrimentos mais profundos do sujeito, identificados como motivos latentes. Apenas ao longo das consultas que o conteúdo presente no motivo latente irá florescer e ser verbalizado para a escuta do psicólogo. Arzeno (1995) explica que geralmente isto ocorre em detrimento do potencial para causar angústia que estes conteúdos possuem, de tal forma que muitas vezes se torna melhor deixar no inconsciente.

O ganho secundário é, portanto, uma das cinco manifestações de resistência na análise, identificada por Freud (1927/1996), em que para o sujeito, o sintoma permanecer é vantajoso por servir de caminho para a satisfação pulsional. O mesmo autor explica que no ganho primário, o sintoma surge como um alívio a angústias mais profundas. Diferentemente do ganho secundário em que se extrai vantagem deste sintoma.

Nesse sentido, o sintoma surge como um objeto de exploração para o sujeito, portanto função de alívio a alguma exigência que lhe acomete, ainda que reduza a sua autonomia (Freud, 1926/1996). Desta forma, para o sujeito é essencial que continue carregando o sintoma consigo até que esgote o seu desejo pelo que resulta deste processo. O perverso faz tudo o que está ao seu alcance para conseguir assegurar o gozo, de tal forma que pode entrar em análise demonstrando tal sintoma para conseguir o que quer (Coutinho et al., 2004).

Freud (1916/1996), ao falar sobre o desenvolvimento de um sintoma, compara os sonhos quanto aos mecanismos de deslocamento e condensação, uma vez que os mesmos surgem como a tentativa da libido em satisfazer as pulsões. Nesse sentido, o mesmo autor explica que as ideias, integradas no inconsciente, submetem-se aos processos envolvidos ali, sobretudo os mecanismos mencionados. No deslocamento, o sujeito desloca seus sentimentos ligados a uma ideia ou objeto para o outro que tem semelhança ao originário. Desta forma, o perverso não identifica seus sintomas, pois ao rejeitar a sua falta coloca no outro de forma articulada, assumindo a posição de constante busca de controle e retirada de lucro (Silva, 2010). Atribui ao psicólogo a falta que não reconhece, colocando-o como “o faltante”, deslocando ao outro. Logo, como mencionado antes, o perverso quando busca atendimento não é pela sua perversão (Freud, 1927/1996), ainda que apresente um sintoma ao psicólogo e, portanto, surge o questionamento se utiliza do ganho secundário para conseguir o que quer que seja seu desejo.

Para Camargo (2007), o sintoma articula-se na estrutura do inconsciente do sujeito, na medida em que constitui sua identidade. Desta forma, ele consegue se conhecer através de seu narcisismo e amá-lo como parte de si. O autor continua explicando que para o sujeito realizar a transferência com o psicólogo precisa desapegar-se de uma parcela do sintoma e implicar-se no tratamento. Para tal, o sujeito deve questionar-se sobre seu sintoma quanto ao que sente e ao próprio ganho secundário. Logo, entende-se que por mais que o paciente se queixe do seu sintoma, ele também usufrui do mesmo. A partir disso, pode-se pensar que o perverso não deseja abrir mão desse sintoma, pois não quer abrir mão do ganho que extrai dele.

MÉTODO

Delineamento

Foi utilizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo para a realização do presente trabalho. Segundo Flick (2009), entende-se que a pesquisa qualitativa corresponde a perceber a realidade através da subjetividade presente no objeto da investigação. Ela tem por característica a interpretação de componentes do mundo em relação aos seus significados e particularidades, bem como por trabalhar com dados que não são passíveis de compreensão matemática (Denzin & Lincoln, 2006). Além do mais, alinhado com a intenção deste estudo, a pesquisa qualitativa tem sua preocupação voltada mais ao processo do que ao produto, de forma que se pretende verificar as formas e motivos que ocorrem as manifestações e interações a serem estudadas (Creswel, 2007).

Referente ao caráter exploratório da pesquisa, ele apresenta menor rigidez no momento do planejamento, proporcionando uma visão geral do assunto, a fim de desenvolver e esclarecer a formulação do problema de forma aproximada (Gil, 2008). O mesmo autor explica também o caráter interpretativo, cujo propósito é fortalecer e ampliar a leitura e compreensão da temática até então, desenvolvendo relações entre o problema e o artefato cultural selecionado para tal.

Foi utilizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo para a realização do presente trabalho. Segundo Flick (2009), entende-se que a pesquisa qualitativa corresponde a perceber a realidade através da subjetividade presente no objeto da investigação. Ela tem por característica a interpretação de componentes do mundo em relação aos seus significados e particularidades, bem como por trabalhar com dados que não são passíveis de compreensão matemática (Denzin & Lincoln, 2006). Além do mais, alinhado com a intenção deste estudo, a pesquisa qualitativa tem sua preocupação voltada mais ao processo do que ao produto, de forma que se pretende verificar as formas e motivos que ocorrem as manifestações e interações a serem estudadas (Creswel, 2007).

Referente ao caráter exploratório da pesquisa, ele apresenta menor rigidez no momento do planejamento, proporcionando uma visão geral do assunto, a fim de desenvolver e esclarecer a formulação do problema de forma aproximada (Gil, 2008). O mesmo autor explica também o caráter interpretativo, cujo propósito é fortalecer e ampliar a leitura e compreensão da temática até então, desenvolvendo relações entre o problema e o artefato cultural selecionado para tal.

Fontes

Foi utilizado o artefato cultural como fonte deste trabalho, uma vez que pode auxiliar na exemplificação/ilustração para a compreensão da temática. O artefato utilizado foram episódios da série “Dexter”, de 2006, dirigida por James Manos Jr., visto que a dimensão psicossocial do personagem fictício permitiu a construção de relação com a perversão, e procura tratamento psicológico, por motivos que serão analisados com o referencial teórico desenvolvido.

O personagem em questão, Dexter Morgan, é um analista forense especializado em padrões de mancha de sangue, de um departamento de polícia. Nesta função, ele consegue se utilizar dos arquivos policiais para fazer justiça, punindo os criminosos, a partir das informações que têm pelo sistema judiciário. A forma como responsabiliza estes sujeitos é através do assassinato, realizado meticulosamente e cuidadosamente para que não seja descoberto. De certa forma, Dexter vive uma vida dupla, estabelecendo uma posição de equilíbrio entre não deixar vestígio de seu exercício criminoso e estar do lado da instituição, a qual poderia prendê-lo por isto.

Em relação a sua história de vida, Dexter foi adotado aos três anos de idade pelo oficial da polícia Harry Morgan e a sua esposa Doris, após ser encontrado em uma cena de crime, coberto por sangue dos seus pais, assassinados no local. O casal possui uma filha biológica, Debra, por quem Dexter admite que teria sentimentos, caso os sentisse. Harry mantém a morte dos pais de Dexter em segredo por anos, como forma de protegê-lo da brutalidade do assassinato. Dexter descobre apenas quando adulto, após participar de um processo criminal em que visita uma cena coberta de sangue, despertando em si lembranças do dia do assassinato dos pais.

Ao longo da série, são mostrados *flashbacks* da sua fase da infância e adolescência, nos quais Harry identifica comportamentos que indicam uma conduta antissocial, como matar animais de estimação na vizinhança e o interesse pelos assassinatos presenciados pelo pai adotivo. Após questioná-lo sobre tal conduta, Dexter verbaliza seu desejo por matar algo maior que um animal, fazendo com que o pai entenda que estes aspectos do filho estão introjetados em seu funcionamento. A partir disso, Harry passa a ensiná-lo uma maneira de direcionar seus instintos violentos para sujeitos que se livram de suas punições após cometerem crimes contra pessoas inocentes. Ele cria um código em que consistem em regras a serem seguidas que permitem que Dexter assassine pessoas, como por exemplo, assassinos que mataram inocentes e possuem tendência a repetição; reunir provas que confirmem a culpa do sujeito, manter sua vida privada e mostrar-se um sujeito alegre. Desta forma, o

código mantém os impulsos de Dexter controlados, sem que assassine pessoas por apenas prazer.

No que se refere à vida amorosa, Dexter relaciona-se com Rita, uma mulher emocionalmente frágil, principalmente em função de sofrer traumas de abuso sexual e violência doméstica no relacionamento anterior. Ela possui dois filhos.

Ademais, no episódio 8, Dexter investiga o crescimento de casos de suicídios femininos que surgem na delegacia no período de uma semana. Identifica que o denominador comum entre os casos é o psiquiatra, Dr. Meridian, que atendia e realizava o acompanhamento clínico das mulheres. Acredita que a conduta do psiquiatra possa contribuir para o agravamento do quadro depressivo delas, a ponto de cometerem suicídio. A estratégia utilizada para realizar a investigação é agendar uma consulta, com nome fictício, apresentando-se como um homem com problemas no relacionamento amoroso e na relação sexual. Entretanto, a partir da encenação que desenvolve, demonstra identificar-se com o personagem que criou e refletir a respeito da análise e da intervenção do psiquiatra, utilizando para a sua vida. Assim, realizou-se recortes dessa história como forma de ilustrar aspectos teóricos do funcionamento de um sujeito perverso.

Instrumento

O instrumento de escolha para organizar a coleta de dados extraídos do artefato cultural se deu em formato de tabela, sobretudo visando apresentar de forma mais clara as informações reunidas. Segundo Koller, Couto e Von Hohendorff (2014), o uso de tabelas é uma técnica de ilustrar sinteticamente o processo de exposição dos resultados que auxilia a compreensão do leitor, possibilitando seu envolvimento com o tema apresentado. A tabela foi desenvolvida através de uma divisão em categorias e cenas, expressando os aspectos específicos do foco deste trabalho.

Procedimentos

O processo de construção do presente trabalho contemplou procedimentos que iniciaram ainda na escolha da temática, em que foram indagados o problema e a viabilidade para desenvolvê-lo. Depois de firmada a decisão, foram estabelecidos os objetivos, bem como sinalizado a justificativa e a relevância do estudo. A construção da revisão teórica sobre a perversão e o ganho secundário permitiu maior compreensão sobre os aspectos fundamentais que os compõem, de forma que auxiliou na definição e desenvolvimento do método. Ela foi realizada a partir da exploração de livros, sobretudo na teoria freudiana, na

qual foi a base teórica deste trabalho. Além disso, foram buscados artigos científicos nas bases de dados como: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e demais sites que disponibilizam acesso a informações científicas. O período de busca para os artigos e teses datou-se de 1995 a 2020, utilizando descritores como: perversão, análise, ganho secundário, perverso, tratamento psicológico e motivação. Como critério de inclusão, foram utilizados artigos construídos sob viés da teoria psicanalítica, ao passo que, consecutivamente, o critério de exclusão caracterizou-se por materiais de linhas teóricas diferentes.

A escolha do artefato cultural se deu a partir da busca de séries e filmes que contemplassem a temática proposta, na qual foi cessada ao definir o uso da série Dexter. Por meio das cenas, foi possível identificar que a história e as situações vivenciadas pelo personagem encaixavam adequadamente com os aspectos que foram abordados no presente trabalho. Portanto foi feita uma análise da série e seus componentes, bem como efetuado registros das cenas que apresentavam o conteúdo trabalhado. As cenas selecionadas foram agrupadas em três categorias, referentes a “Aspectos fundamentais do sujeito perverso”; “Motivações para tratamento psicológico” e “Ganho Secundário”.

A partir disso, foi possível estabelecer uma relação com os conceitos elencados e realizar a compreensão da teoria com a prática. Foi utilizado o instrumento de tabela para construir tal proposta, uma vez considerado que é um método efetivo e passível de entendimento do leitor. Reforça-se que não se pretendeu garantir a exploração da totalidade da temática, mas sim fornecer o máximo de informações possíveis para que se estabeleça uma compreensão enriquecida.

Referencial de Análise

A análise de dados requer o reconhecimento do que é essencial no material, por meio da dedicação e cuidado no processo de estudo da temática. Laville e Dionne (1999) refletem a importância de buscar sentido e captar as intenções do material, utilizando-se da base do problema de pesquisa para organizar-se e do próprio material selecionado.

Portanto, o presente trabalho, visando à exploração dos dados recolhidos, utilizou da análise de conteúdo como forma de clarificar as diferentes características do conteúdo através da sua desestruturação (Laville & Dionne, 1999). Tal escolha levou em consideração também o fato deste método não ser rígido e possibilitar a aplicação de diversos materiais e objetos de investigação (Laville & Dionne, 1999). Ainda que não haja rigidez neste método, conforme mencionado, há uma organização e sequência para a construção de sentido do

material. A partir da coleta dos dados, foi preciso organizá-los e após decompô-los, como forma de realizar o processo de retorno e agrupamento das categorias definidas. Os momentos finais são constituídos pela classificação, análise e conclusão do método (Laville & Dionne, 1999).

Foi utilizada também a estratégia de emparelhamento, como forma de realizar a comparação dos dados extraídos do artefato cultural com o que foi reunido na construção do referencial teórico. O emparelhamento se cumpre após a verificação se há correspondência entre a teoria e a situação observada, ou seja, se o modelo teórico apoiado para o trabalho aparece no objeto de análise (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

A tabela abaixo apresenta as categorias elencadas para a discussão e maior compreensão da temática deste estudo, a partir de recortes de alguns episódios da primeira temporada da série Dexter (Manos Jr, 2006). Foram realizados recortes de cenas que ilustrassem aspectos teóricos deste estudo.

Foram organizadas três categorias, a partir dos recortes realizados e seu posterior agrupamento, com o intuito de contemplar o problema desta pesquisa. A primeira categoria intitula-se “Aspectos fundamentais do sujeito perverso”; a segunda categoria refere-se às “Motivações para tratamento psicológico” e a terceira categoria define-se como “Ganho Secundário”.

Tabela 1:

Categorias de Análise e Cenas do Artefato Cultural

CATEGORIAS	CENAS
1. Aspectos fundamentais do sujeito perverso	<p>A. Dexter conta a Rita sobre o assassino que está investigando, referindo: “o cara é um artista”. Continua: “a técnica dele é incrível”. Neste momento, encena, na perna de Rita, o corte que o assassino realiza nas vítimas. Em seguida, Dexter aperta a sua perna com teor sexual, fazendo com que Rita se assuste.</p> <p>B. Dexter: "Sempre que transo com outra mulher, ela me vê pelo que eu realmente sou: vazio."</p> <p>C. Dexter tem a oportunidade de matar alguém, entretanto caracteriza-se por ser uma pessoa inocente. Apesar de relatar o desejo de concluir o ato, verbaliza “não posso, pois Harry não iria querer isso”.</p> <p>D. O psiquiatra pergunta a Dexter a respeito de sua vida sexual e ele responde que este assunto se trata de algo pessoal. Diz que ajudaria ele a se abrir se o psiquiatra</p>

compartilhasse algo dele. Acrescenta fazendo uma pergunta: "por que se tornou psiquiatra?"

2. Possíveis motivações para tratamento psicológico

E. Dexter diz que irá mais uma vez ao psiquiatra para resolver a problemática que vivencia na relação sexual com a namorada, pois ela deseja consumir o relacionamento.

F. Ao ver uma cena de crime coberta por sangue, Dexter relembra o dia em que seus pais foram mortos brutalmente na sua frente, quando tinha 3 anos. Cena mostra uma memória de Dexter quando era criança e estava chorando sentado coberto de sangue assistindo sua mãe ser morta brutalmente. Ele sente sua visão ficar turva e sai correndo da sala em direção ao corredor para sentar.

3. Ganho secundário

G. Dexter diz: "Para mim, sexo não é grande coisa (...). Quando o assunto é o ato sexual, sempre parece tão indigno. Mas eu preciso jogar o jogo. Depois de anos tentando parecer normal, eu acho que encontrei a mulher certa para mim (...). Ela é perfeita para mim, porque Rita é, à sua maneira, tão danificada quanto eu. Seu antigo marido a agredia e abusava constantemente. Desde então, ela é totalmente desinteressada em sexo. Isso funciona para mim".

DISCUSSÃO

A análise da temática, a partir da ilustração de alguns recortes de episódios da primeira temporada da série Dexter (Manos Jr, 2006) permitiu a construção da discussão a seguir, sendo que as cenas não seguem a cronologia do seriado, mas tentam acompanhar os aspectos conforme vai sendo discutido. Assim, as categorias serão discutidas na ordem apresentada nos resultados, possibilitando que a proposta esteja voltada ao diálogo das cenas e da teoria, como forma de estabelecer uma compreensão da temática. O intuito é atender ao problema de pesquisa e ilustrar alguns aspectos fundamentais da perversão, as possíveis motivações do perverso para ingressar no tratamento psicológico e pensar acerca do ganho secundário.

Cabe reforçar também que este estudo pretende explorar alguns aspectos que envolvem os assuntos abrangidos, tendo ciência de que não será alcançada a totalidade do assunto e as diversas possibilidades e complexidades que surgem a partir dele. Nesse sentido, ressalta-se também que o foco de análise das características da personagem e da construção da relação com a teoria é voltado para o estudo da perversão, não se detendo a exploração de outros aspectos patológicos, como a psicopatia.

Categoria 1: Aspectos fundamentais do sujeito perverso

Na cena A, Dexter está dentro de seu carro, em uma conversa com a namorada sobre um assassino que está investigando. Ao relatar a técnica de corte utilizada por ele para assassinar suas vítimas, encena a ação na perna de Rita e em seguida aperta sua perna de forma sexual. A namorada se assusta com a atitude, uma vez que a relação amorosa entre eles é pautada na ausência de consumação sexual. Rita sai do carro e a cena mostra Dexter confuso com a própria atitude verbalizando “Por que eu fiz isso?”. A escolha dessa cena para análise está atrelada ao momento de exposição do desejo e prazer de Dexter pela violência direcionada ao outro, objetivando o sofrimento e a morte. Ainda que ele se mobilize constantemente para esconder, neste momento não conseguiu controlar e impedir a liberação de seus impulsos.

A partir disso, pode-se estabelecer uma relação com o que Freud (1929/1996) atenta sobre a equivalência existente entre a violência humana e o devir pulsional, referente à presença do autoerotismo, pelo narcisismo e pela eleição de objeto. O autor continua lembrando a existência das renúncias dos impulsos que o sujeito deve realizar para conviver em sociedade e frear essa violência. Desta forma, a destrutividade intrínseca deve

ser controlada para que as regras sociais e o código moral e ético possa ser cumprido. No caso de Dexter, ele freia seus impulsos até o limite que envolve seu local de trabalho e o âmbito social, não cometendo crimes sem planejamento. Entretanto, não extingue seus impulsos, encontrando no código de Harry uma forma de mantê-los.

A violência de Dexter se dá de tal forma que transforma o outro em um instrumento de satisfação pulsional. Muribeca (2017) destaca que, para o perverso, não se faz presente a sensibilidade e respeito pela existência e alteridade do outro, uma vez que não o considera como sujeito de desejo e não reconhece sua falta, como forma de possibilitar que continue renegando a própria falta. A autora também aborda sobre o estudo de Freud de 1929 em relação à violência e à pulsão, referindo que essa satisfação da pulsão é do tipo autoerótica, uma vez que corresponde a uma sexualidade anárquica que não possui integração e consideração pelo objeto. Nesse sentido, o perverso revela seu aspecto narcisista ao colocar-se em posição de autoridade sobre a vida do outro e satisfazer-se com a sua morte.

Dando sequência à discussão, a cena B ilustra o vazio psíquico de Dexter, frente ao ato sexual. Verbaliza que o momento em que se torna íntimo de uma mulher, ela enxerga seu real eu, composto pelo vazio. Ferraz (2008) aborda que o perverso desenvolve o cenário da sua vida sexual a partir dos fatores essenciais que permitem que a castração continue sendo renegada. O preço cobrado pelo mecanismo da recusa para tal exercício é o encaminhamento em direção do vazio psíquico e as relações carentes de afetividade que o perverso vivencia. Desta forma, Dexter se envolve com pessoas sexualmente indisponíveis para não deparar-se com toda a gama de sentimentos e da exposição do eu real que desencadeia o ato sexual.

Aliado a isso, durante sua infância e adolescência, Dexter foi orientado pelo pai a fingir emoções, ainda que não sentisse nada, como forma de demonstrar normalidade diante da sociedade. Harry identificou, nas atitudes de Dexter, aspectos que considerou não serem passíveis de mudança e recuperação, acreditava que ele tinha traços agressivos de uma personalidade que não poderiam ser transformados, mas sim canalizados. A partir disso, Dexter nunca foi estimulado a tentar experimentar as emoções e afetos em relação aos familiares, amigos ou interesses amorosos. O que aprendeu foi a aceitar que não seria capaz de desenvolver sentimentos, mas que poderia fingir e manipular as pessoas ao seu redor para que acreditassem que era uma pessoa normal. Nesse sentido, Bonnet (2008) reflete a tendência da sociedade em estabelecer pré-concepções a respeito do embotamento afetivo do perverso, rejeitando qualquer tipo de contato com ele. A tentativa de mostrar a possibilidade de afeto não é realizada e une-se à dificuldade natural do perverso em partilhar sentimentos. O autor continua explicando que o perverso não ignora as relações de afeto,

mas sim tende a buscar pelo controle delas, através da projeção em um objeto e da dominação sobre o outro.

Nesse sentido, a cena C reflete as leis do próprio desejo e do próprio código de conduta seguidos por Dexter. O personagem controla seus impulsos de assassinar uma pessoa, ainda que possua condições favoráveis para fazê-lo. O impedimento está relacionado ao perfil da vítima, caracterizado por um sujeito inocente, o que contraria o permitido pelo código estabelecido por Harry. Um dos primeiros aspectos possível de se observar é a transgressão de leis refletida no crime de assassinato. Muribeca (2017) explica a transgressão como a violação das normas estabelecidas pela sociedade, através de atos que surgem quando os impulsos destrutivos não são barrados. A partir do que foi apresentado, pode-se pensar que os atos praticados por Dexter seriam explicados como comportamentos que estão presentes no campo do desejo, pois há um significado por trás.

Mas por que, então, Dexter segue as leis de Harry, se o perverso considera apenas a lei do próprio desejo? Conforme abordado no presente trabalho, a instituição da lei e autoridade acontece no Complexo de Édipo, explicado por Freud (1925/1996), e garante a elaboração da proibição do incesto, assim como permite o desenvolvimento do superego. Este processo representa no sujeito o que seria o acesso ao plano simbólico, a linguagem, as leis e o reconhecimento do outro. Entretanto, na perversão isso não acontece em detrimento da recusa da Castração. Desta forma, no caso de Dexter, é possível relacionar que o motivo para seguir o código de Harry é por entender que sua prática perversa precisa ser preservada para ser garantida. Ele não precisou conter integralmente seus impulsos, apenas canalizá-los em situações específicas. Os ensinamentos dados por Harry ao longo de sua vida sobre seus comportamentos disruptivos favoreceram para que ele desenvolvesse um alto nível de organização psíquica para determinar as condutas aceitáveis e inaceitáveis, as ferramentas e estratégias para cometer os assassinatos e o que necessita para preservar sua imagem social.

Ademais, pode-se pensar também que Harry não ofereceu a Dexter a possibilidade de compreender as normas sociais como forma de integrá-las e de resgatar nele aspectos positivos que o colocasse em contato com o afeto ao outro. Dexter teve seu desenvolvimento psicossocial voltado para o entendimento de que seus impulsos pelo sofrimento e pela morte eram produtos de uma escuridão interna irrecuperável, mas possível de alimentar sem ser preso.

Outro aspecto característico da perversão presente no funcionamento de Dexter refere-se à necessidade de manter controle sobre as situações e pode ser relacionado com a cena D. Na situação analisada, Dexter esquivava-se do questionamento do psiquiatra a respeito de sua vida sexual, informando que entende como algo muito pessoal para ser compartilhado.

A estratégia encontrada para desviar o foco de si é conhecer mais sobre o psiquiatra, questionando-o sobre a sua motivação para formar-se na sua área profissional. Pode-se relacionar este aspecto com um estudo realizado por Santos e Ceccarelli (2009), que abordam sobre a integração do agir perverso no sentimento de identidade do sujeito. Portanto, uma vez que seus comportamentos da ordem da perversão são questionados e barrados pela censura moral da sociedade, o perverso busca estratégias e ferramentas para manipular o ambiente e exercer controle sobre os acontecimentos e as pessoas envolvidas. O intuito é garantir sua sobrevivência psíquica, através da fuga da angústia que advém dessa interferência da sociedade. Nesse sentido, para Dexter, seria doloroso refletir e verbalizar sobre sua vida sexual, considerando que é um assunto de grande complexidade para o mesmo.

Categoria 2: Possíveis motivações para tratamento psicológico

A cena E aborda sobre a angústia de Dexter gerada após tomar conhecimento do desejo da namorada de consumir a relação sexual. Tal situação provocou que ele retornasse ao consultório do psiquiatra, Dr. Meridian, para realizar suas investigações. Para ele, a relação sexual permitiria que ele perdesse controle sobre suas ações e revelasse sua agressividade, de forma que assustaria Rita e prejudicaria o relacionamento. O personagem interpretado por Dexter é de um homem com dificuldades na vida amorosa e sexual de envolver-se afetivamente, entretanto manifesta o assunto de tal forma que possui ligação direta com o que está vivenciado com Rita.

É possível relacionar o conteúdo ao entendimento de que o perverso se compromete incessantemente para garantir que os papéis, que atribui ao Outro, aconteçam da forma adequada ao planejado em sua encenação da recusa da castração (Rudge, 2005). Nesse sentido, o personagem Dexter encontrou na namorada, Rita, uma possibilidade de manter-se inserido nas regras da sociedade e não correr o risco de ter suas práticas perversas descobertas. Para tal, o perfil escolhido para relacionar-se foi uma figura feminina frágil, que não demandasse envolvimento sexual, uma vez que para ele o ato sexual representa expor seu vazio interno. Desta forma, pode-se pensar que atribuiu a ela um papel em seu teatro perverso, para manter suas práticas seguras.

Todavia, a partir do momento que ela desvia o seu planejamento e deseja consumir a relação sexual, Dexter se percebe encurralado. Logo, a mudança de um padrão de comportamento pode ser entendida como uma falha na colaboração daqueles que o perverso submeteu aos papéis que o favorecessem (Rudge, 2005). E, portanto, isto pode ocasionar o

rompimento do funcionamento do perverso, colocando-o diante da angústia que foge, uma vez que entende que existe a possibilidade de algo interferir na sua luta contra essa sensação. Sendo assim, pode-se pensar que tal rompimento pode motivá-lo a ingressar no tratamento psicológico, considerando que na cena, o próprio personagem opta por retornar ao consultório, a fim de encontrar formas de resolver a situação. O intuito da decisão pode estar atrelado não à extinção da angústia, mas à busca por novas estratégias de retomar seu controle sobre a namorada.

Na série, Dexter escuta o entendimento do psiquiatra de que ele necessita manter controle sobre as situações, como fuga da sua impotência diante de situações vividas. A estratégia utilizada pelo psiquiatra para abordar o assunto é pedir que reflita sobre momentos em que tenha se sentido impotente. Dexter relembra, então, do bullying sofrido na adolescência, as repreensões do pai e por fim, o trauma vivenciado na infância do assassinato de sua mãe. Os conteúdos acessados mobilizam angústia em Dexter que se depara com tudo aquilo que ele foge e renega, fazendo com que se retire do consultório. Ainda assim, no mesmo dia, o personagem encontra-se com Rita e consegue ter relações sexuais pela primeira vez. Descobre que mesmo após ela presenciar seu lado agressivo e descontrolado, ela ainda deseja manter-se na relação. Logo pode-se pensar a efetividade do tratamento psicológico em sujeitos perversos, indicando a possibilidade de produzir efeitos positivos no seu funcionamento psíquico. Cabe reforçar a importância do cuidado na escolha das estratégias terapêuticas para o acolhimento do perverso, que possibilitem o trabalho dos conteúdos inconsciente e consciente do perverso sem que o afastem do atendimento.

Outra possível motivação para o perverso adentrar o consultório psicológico é ilustrada pela cena F, que aborda o momento em que Dexter deparou-se com uma cena de crime coberta por sangue, despertando o gatilho para uma memória traumática de sua infância. A lembrança está relacionada ao dia que sua mãe foi morta brutalmente com uma serra elétrica na sua frente, ficando coberto pelo seu sangue. Dexter, ao sair do transe que entrou, sai correndo da sala em estado frágil, direcionando-se ao corredor para sentar. A relação que pode ser compreendida entre esta situação de Dexter com a motivação para tratamento psicológico parte do entendimento de que o evento traumático que vivenciou na infância atua como um marcador para a hostilidade e agressividade que perpetuam seu funcionamento psíquico (Stoller, 1975/2015). Sobre isso, Roussillon (1999) acrescenta que a estimulação precoce da criança ocorrida frente à situação de trauma, que pouco possui recursos no momento para a simbolização, pode resultar na clivagem no ego e no afastamento psíquico do sujeito em relação à experiência. Assim, o caminho encontrado é desenvolver uma defesa que impeça a repetição da experiência e que atua como uma

vingança ao trauma vivenciado. No caso de Dexter, há a violência e a violação da vida do outro, assassinando aqueles que mataram injustamente um inocente. Hipotetiza-se também a relação entre o perfil das vítimas com a situação do trauma infantil, em que a sua mãe era uma pessoa inocente e foi assassinada sem motivação aparente. Portanto, o triunfo do trauma é vingar-se pela perda da mãe de forma repetida, incorporando este aspecto à sua identidade e funcionamento. Entende-se que tal aspecto das vítimas se trata também do código estabelecido por Harry, entretanto cabe ressaltar as características impulsivas que bombardeiam o perverso constantemente.

Desta forma, relembrar o trauma pode significar a ameaça de reviver a experiência que causou tanta angústia a Dexter, produzindo uma desorganização psíquica. O horror, que surge a partir da possibilidade de reconhecer a falta, pode atrapalhar as práticas perversas, no que se refere a talvez não conseguir mais exercer seu trabalho de médico perito, considerando que ele envolve o contato constante com sangue. Logo, ao não conseguir trabalhar, coloca em risco o ganho primário que extrai ao ter acesso a arquivos policiais e ao reconhecimento de possíveis vítimas. Considerando isto, abre-se espaço para a possibilidade de que procure atendimento psicológico para resolver este conflito imediato, uma vez que ele já identificou os efeitos da psicologia na sua problemática com a namorada e a relação sexual.

Categoria 3: Ganho secundário

A cena G ilustra sobre a vida sexual de Dexter, através da sua verbalização de que considera o ato sexual indigno, mas que o utiliza como uma forma de parecer normal, bem como a relação com Rita e o motivo de estar com ela. Tal motivo está atrelado ao fato de Rita não se interessar pelo ato sexual, devido aos traumas que sofreu no antigo relacionamento, e isso está de acordo com seu desejo de não querer relacionar-se sexualmente com ninguém. A partir disso, hipotetiza-se que este aspecto da sua vida amorosa possa ocorrer como um ganho secundário para si. Essa possível interpretação deve-se, inicialmente, por compreender o fato de que Dexter não possui qualquer sentimento por Rita, uma vez que já verbalizou “Eu não tenho sentimentos algum, mas se eu tivesse seria pela Deb” (Temporada 1, episódio 1, 9:20). Portanto, a partir desse relato pode-se pensar que a motivação dele para estarem em um relacionamento está atrelada a outro fator. Além disso, para Dexter, a relação sexual propõe a possibilidade de descontrole e de uma ligação emocional e, portanto, representa o desarmamento de suas defesas de afastar-se de qualquer vínculo com o outro. O que está em risco é a revelação da sua real identidade. Um exemplo

que reforça essa compreensão é o fato de não corresponder às inúmeras tentativas de sedução da tenente LaGuerta, pois comprometeria seu local de trabalho e os diversos benefícios que extrai dele. Além disso, pode-se considerar, também, que ele não se sente atraído sexualmente por ninguém, pelo menos não manifesta.

Em segundo lugar, deve-se considerar o código criado por Harry e seguido fielmente por Dexter, que inclui a importância de aparentar normalidade para a sociedade, como forma de não atrair atenção para si mesmo. Ainda em sua adolescência, Dexter já manifestava incômodo com relações amorosas, ao demonstrar irritação com o pedido de sua colega de escola para que fosse seu parceiro no baile. Naquela época, Harry explicou a ele que deveria aceitar o convite, ainda que não desejasse. O motivo está atrelado ao fato de que chamaria atenção dos demais colegas se não aceitasse, uma vez que seria uma decisão atípica para as características da sua etapa de desenvolvimento. Ao longo dos anos, Dexter aprimorou a estratégia de manter a aparência de normalidade, relacionando-se sexualmente com as mulheres. Além disso, um dos colegas de trabalho de Dexter, James, expressa desconfiança com o seu comportamento frio e distante, referindo ele como “estranho”. Portanto, o personagem mantém-se em constante alerta sobre seu funcionamento, procurando formas de mostrar ao colega sua normalidade.

Conforme abordado neste trabalho, pode-se entender que o perverso realiza um intenso exercício de fugir da castração, possibilitado através da encenação composta por papéis atribuídos às pessoas ao redor (Rudge, 2005). Nesse sentido, ao analisar o caso de Dexter, é identificado que produz uma teatralização ao mostrar-se como um homem carismático e engraçado, que não oferece risco às mulheres. Isto se faz possível, em detrimento das suas manifestações perversas não estarem relacionadas ao desejo pelo sofrimento da figura feminina. Entretanto, o surgimento de Rita em sua vida possibilita a criação de um novo cenário, que facilita o cumprimento do código de Harry e o afastamento das possíveis angústias que surgem do ato sexual. Aulagnier-Spairani (2003) aborda que o perverso busca por parceiros que possuam características que permitam que ele ocupe o lugar de passividade na relação, não apresentando risco ao seu controle e manipulação sobre as situações. Assim, ele consegue sustentar a fantasia de possuir domínio absoluto sobre o outro. Da mesma forma, Sequeira (2009) acrescenta que o perverso necessita de sujeitos que “ocupem o lugar do fracasso, da falta e o neurótico cai bem nesse lugar” (p. 224). A autora continua ressaltando que o sujeito de estrutura perversa tem horror ao desejo, pois este o faz deparar-se com a angústia e a falta.

Portanto, o afastamento de Dexter da consumação de um ato sexual está relacionado à característica do seu funcionamento psíquico da recusa da castração e da fuga da falta e da

angústia. A partir do momento que ele enxerga a possibilidade de poder relacionar-se com Rita, que é indisponível emocionalmente e sexualmente, pode encontrar um ganho secundário dos seus sintomas que se caracterizam pela fuga do ato sexual e pelo constante investimento para manter suas práticas perversas encobertas. Em outras palavras, extrai lucro do relacionamento com Rita pela ausência de relação sexual e pela garantia de que mantém normalidade em sua vida social, ao não chamar atenção. Cabe lembrar o que foi trazido anteriormente da desconfiança do seu colega de trabalho, que questiona seus comportamentos afetivamente distantes. Conforme abordado por Freud (1926/1996), o sintoma corresponde à identidade do sujeito, cujo se reconhece nele. Dexter reconhece seu funcionamento perverso e mobiliza-se para extrair lucro de tudo aquilo que garante que suas práticas sejam mantidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral identificar possíveis motivações para tratamento psicológico e ganho secundário em sujeitos perversos. Os objetivos específicos possibilitaram reunir conteúdos teóricos que serviram de subsídio para a construção da compreensão da temática, aliado à elaboração da relação com a fonte da metodologia escolhida. Considerou-se de suma importância abordar inicialmente os aspectos fundamentais da perversão, visando estabelecer as características e o funcionamento do sujeito perverso, para posteriormente buscar o entendimento a respeito das possíveis motivações que o levam para o tratamento psicológico. Além disso, a definição acerca dos ganhos secundários possibilitou que fosse viável a exploração da relação deste aspecto com a perversão. Finalmente, fez-se possível o emparelhamento dos conteúdos reunidos com um artefato cultural, propondo a ligação entre teoria e prática. Os materiais teóricos utilizados, fundamentados pela perspectiva psicanalítica oportunizaram um novo entendimento e um novo olhar o sujeito perverso, no que se refere às suas demandas pulsionais, o gozo, a transgressão de leis.

Entende-se que o sujeito de estrutura perversa apresenta um funcionamento psíquico que o direciona para a recusa da elaboração dos conteúdos que causam angústia. Sua conduta e seus comportamentos o colocam no caminho da repetição constante dos seus sintomas perversos, encontrando neles a segurança de não refletir sobre a falta e a castração. Entretanto, resta claro que há sofrimento psíquico no perverso, justamente pelo processo que vivenciou até a sua organização psíquica frente ao complexo de Édipo e conseqüentemente pelo exercício constante que realiza para manter e garantir a sua recusa da castração. Cabe reforçar que este sofrimento não está relacionado a sua forma de funcionamento, mas sim a eventos e situações que possam atrapalhar a sua prática e o seu livre gozar. Existência a certeza deste sofrimento abre espaço para a possibilidade de que ele busque por tratamento psicológico, independente do motivo.

A análise e interpretação dos resultados obtidos através do artefato cultural Dexter (2006) tornou ainda mais evidente as limitações nas motivações do perverso para buscar tratamento psicológico. Considera-se que é intenso o esforço que ele precisa realizar para encontrar na Psicologia a possível solução para a desestabilização emocional gerada, seja por conteúdos internos que emergiram, por falhas na colaboração externa da sua encenação, pela vivência da repetição de eventos traumáticos, entre outros aspectos. Diferentemente do sujeito neurótico que reconhece com mais facilidade no psicólogo a posição de detentor de recursos para a elaboração de seus conflitos psíquicos, o perverso resiste em considerá-lo

como esse sujeito-suposto-saber. Não enxerga nele a possibilidade de proporcionar algo que lhe ajude a preencher a falta, justamente porque ele próprio não se reconhece como um ser faltante.

Identifica-se também a possibilidade de ele buscar auxílio apenas para a resolução de conflitos que interferem diretamente nas suas práticas perversas de forma imediata. Logo, corre-se o risco do perverso obter o que quer do profissional e evadir do tratamento, considerando que manter-se em análise significa elaborar traumas e conflitos internos e conseqüentemente deparar-se com a sua falta e os motivos que o levaram a recusar a castração. Ainda assim, é imprescindível reconhecer que a Psicologia considera a subjetividade e as limitações de cada sujeito, independente da estrutura. Logo, o que resta é o fortalecimento constante da clínica para acolhê-lo quando buscar por tratamento e auxiliá-lo da forma mais adequada e ética possível, dentro das suas características de funcionamento.

Já o estudo da relação entre o ganho secundário e a perversão, poderia ser discutido de forma mais aprofundada, entretanto entende-se como uma das limitações deste estudo, congregando desde o material teórico investigado, o artefato cultural e o conhecimento em construção da acadêmica. Desta forma, fica uma abertura de espaço para a necessidade de maior investigação a respeito. Considerando o que foi construído ao longo da pesquisa, essa possibilidade de relação foi pensada, e após reforçada, pelo entendimento de que o funcionamento do perverso está voltado para a extração de lucro das situações que podem fornecer a sua satisfação e o alcance de seu gozo. Assim, o ganho secundário pode ser utilizado por ele no sentido de fortalecer ainda mais a garantia de suas práticas perversas, seja dentro ou fora do consultório psicológico.

Nesse sentido, o processo de criação desta pesquisa trouxe resultados que atentam também para a importância de maior investimento no estudo das perversões. Em relação a neurose e psicose, a perversão apresenta menor produção científica, especialmente no que se refere às motivações para tratamento psicológico e ao ganho secundário. Questiona-se a razão pela resistência em explorar esta temática, uma vez que se trata de uma estrutura psíquica tão fundamental de ser investigada quanto às demais. Ainda que se entenda a raridade do perverso em buscar pela psicologia, não é uma situação impossível e jamais presenciada. Portanto, este entendimento crítico propõe a reflexão da necessidade de maior investigação sobre o sujeito perverso e suas manifestações, objetivando fortalecer a clínica da perversão e os subsídios que garantam os instrumentos e estratégias para atendimento do perverso e a sua permanência em análise.

Esta temática está longe de seu esgotamento, considerando a imensidão de possibilidades que surgem da subjetividade do perverso, quanto ao seu funcionamento

psíquico e as particularidades presentes na história de vida de cada sujeito. O presente trabalho foi elaborado na certeza de que o propósito jamais seria tentar o esgotamento, mas sim abrir a discussão sobre a perversão e oferecer possibilidades para novas investigações. As limitações da pesquisa são pautadas na restrição de tempo para construção e nos instrumentos disponíveis, mas amenizadas pela rica oportunidade de disponibilizar contribuições para a Psicologia.

Entretanto, considerando estes aspectos, a escolha do estudo e a elaboração da pesquisa devem ser valorizadas pela ética e pelo esforço reunido em apresentá-lo da forma mais fidedigna e responsável possível. Sendo assim, a pesquisa reconhece a importância de manter-se aberta para novas contribuições, oportunizando um espaço de constante reflexão que dialoga com as demandas do mundo atual. Nesse sentido, a Psicologia possui importantes recursos para investir no estudo constante da perversão, no que se refere à elaboração de estratégias clínicas para acolher o sujeito perverso e oportunizar um espaço de entendimentos da sua subjetividade e de novas simbolizações das suas manifestações perversas.

REFÊRENCIAS

- Alberti, S. (2005). A perversão, o desejo e a pulsão. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 5(2), 341-360.
- Arzeno, M. E. G. (1995). *Psicodiagnóstico Clínico: novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aulagnier-Spairani, P. (2003). A perversão como estrutura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1(3), 43-69.
- Barreto, C. M. E. & Adeodato, T. R. T. (2012). O perverso e a lei. *Revista de Psicologia*, 3(2), 93-98.
- Bonnet, G. (2008) *La perversion: se venger pour survivre*. Paris: Presses Universitaires de France
- Camargo, L. F. E. (2007). Questões sobre o lugar da psicanálise nas instituições de saúde pública. In: XVI Encontro Nacional da ABRAPSO, Rio de Janeiro. Anais de resumos e de trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. Rio de Janeiro: ABRAPSO, 1.
- Castro, S. L. S., & Rudge, A. M. (2003). Perversão e ética na clínica psicanalítica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 3(1), 78-95.
- Castro, S. L. S. (2004). Aspectos teóricos e clínicos da perversão. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil, 64-79.
- Ceccarelli, P. R. (2004). A perversão do outro lado do divã. In Portugal, A. M., Porto Furtado, A., Rodrigues, G., Bahia, M, A. & Gontijo, T. (orgs), *Destinos da Sexualidade* (pp. 243-257). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Clavreul, J. (1990). O casal perverso. In Clavreul, J., Aulagnier-Spairini, P. Perrier, F., G. Rosolato, G. & Valabrega, J. P. O desejo e a perversão (pp. 9-49). São Paulo: Papyrus.
- Corrêa, C. P. (2006). Perversão: trajetória de um conceito. *Estudos de Psicanálise*, (29), 83-88.
- Coutinho, A. H. A., Salles, A. C. T. da C., Silva, B. R., Delfino, E. M., Silva, E. M; da, Moraes, G. de, & Morais, M. B. L. et al. (2004). Perversão: uma clínica possível. *Reverso*, 26(51), 19-27.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2. Ed; L. de O. da Rocha, Trads.) Porto Alegre: Artmed.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006) Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2ª. Ed; S. R. Netz, Trad.) Porto Alegre: Artmed, 15-41
- Doron, C. O. (2018). Perversão ou perversidade? Genealogia de um debate médico-jurídico. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, 27(2), 311-325.

- Eiguer, A. (2002). O avanço das perversões. *Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 4(1), 117-118.
- Emidio, T.S. & Hashimoto, F. (2012). Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. In: Anais V Congresso Internacional de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá-PR.
- Fernandes, A. L. S. (2004). Sujeito falante e a resistência à demanda de análise. *Cógitto*, 6, 49-51.
- Ferraz, F. C. (2008). *Perversão*. (5ª. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F. C. (2010). *Perversão*. (ed. revisada e ampliada.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Flick, U. (2009). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3ª Ed; J. E. Costa, Trad.). Porto Alegre: Boockman.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (13ª ed; M. T. da C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trads). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1985).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (M. A. M. Rego, Trads.). In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (M. A. M. Rego, Trads.) In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). O sentido do sintoma. (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1996). Uma criança espancada. (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996). Inibições, sintoma e angústia. (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

- Freud, S. (1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (M. A. M. Rego, Trad.). In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. ESB. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996). Fetichismo. (M. A. M. Rego, Trad.). In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996). O mal-Estar na civilização. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929).
- Freud, S. (1996). A divisão do ego no processo de defesa. (M. A. M. Rego, Trad.). In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. [Versão Eletrônica]. (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Helsing, L. A. (1996). *O tempo do gozo e a gozação: A temporalidade na perversão*. Rio de Janeiro: Revan.
- Koller, S. H., Couto, M. C. P. P. & Hohendorff, J.V. (2014). *Métodos de pesquisa: manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso.
- Krafft-ebing, R. (1886). *Psychopathia Sexualis: as histórias de caso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro X: a angústia*. (V. Ribeiro, Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962-1963).
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: Manual de pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, Trads). Porto Alegre: Artmed.
- Muribeca, M. das M. M. (2017). Psicopatia, violência e crueldade: agressores sexuais sádicos e sistemáticos. *Estudos de Psicanálise*, (48), 157-165.
- Mcdougall, J. (1995). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. (P. H. B. Rondon, Trad). São Paulo: Martins Fontes.
- Miller, J. A. (2001). Fundamentos de la perversión. In *Perversidades* (Colección Orientación lacaniana, pp. 15-38). Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Naves, E. T. (1999). O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(2), 108-120.
- Phillips, C. (Produtor), & Manos Jr., J. (Diretor). (2006). *Dexter: 1ª Temporada* [Série]. Estados Unidos: Showtime.
- Pommier, G. (1998). *O amor ao avesso: ensaio sobre a transferência em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Queiroz, E. F. (2004). *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta.
- Roussillon. R. (1999) *Agonie, clivage et symbolization*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rudge, A. M. (2005). Notas sobre o discurso perverso. *Interações*, 10(20), 35-44.
- Santos, A. B. dos R. & Besse, V. L. (2013). A perversão, o desejo e o gozo: articulações possíveis. *Estudos de Psicologia*, 30(3), 405-413.
- Santos, A. B. dos R. & Ceccarelli, P. R. (2009). Perversão sexual, ética eclínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 316-328.
- Sarkis, S. H. (2007). O gozo em sua articulação com o sintoma. *Psicanálise & Barroco*, 5(2), 104-118.
- Sequeira, V. C. (2009). Pedro e o Lobo: O Criminoso Perverso e a Perversão Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 25 (2), 221-228.
- Silva, F. M. da. (2010). A percepção de psicanalistas frente às possibilidades de atendimento clínico psicanalítico em sujeitos com perversão. Dissertação não publicada. Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, Brasil.
- Stoller, R. (2015). *Perversão: A forma erótica do ódio*. (M. L. L. Silva, Trad.) São Paulo: Hedra Ltda. (Obra Original publicada em 1975).